

# EDITORIAL

## EDITORIAL: PARA ALÉM DA SEMANA DE 22 – MODERNISMOS BRASILEIROS

Os modernistas brasileiros estavam diante de duas tarefas diferentes, igualmente importantes e dificilmente compatíveis: criar uma nova poesia e arte realmente nacionais, brasileiras, e empregar, para tanto, os recursos das vanguardas europeias...

(Otto Maria Carpeaux, In: As revoltas modernistas)

A revista *Asas da Palavra*, volume 19, número dois do ano de 2022, apresenta a seus leitores e leitoras o dossiê ***Para Além da Semana de 22 – Modernismos Brasileiros***, e o faz com o propósito de ampliar as narrativas e outras enunciações sobre o pluralismo do pensamento modernista, que abrange linguagens e territórios diversos da multifacetada experiência nacional sociocultural, política e estética.

Deste modo, reunimos aqui uma série de estudos sobre a estética modernista e a questão da modernidade no Brasil, série que pretende provocar uma visão mais ampliada nos campos da literatura, do jornalismo, das artes visuais, da fotografia e da arquitetura, incluindo reflexões acerca dos fenômenos da modernidade que emergiram ao longo do século XIX e que contribuíram decisivamente para pavimentar as rupturas propriamente ditas, provocadas pelos movimentos modernistas posteriores à virada do XIX para o XX.

Tais estudos contribuem especialmente para repensar os discursos hegemônicos e assim não só refletir, mas ousar expandir o foco centrado na experiência paulistana, marcada pelo episódio da Semana de Arte Moderna de 1922, que realizou-se no Teatro Municipal de São Paulo, em fevereiro do icônico ano, com o intuito de comemorar os cem anos de Independência política do Brasil. Neste sentido, ambicionamos apresentar um enfoque diverso sobre outros mapas e movimentos, especialmente aqueles ocorridos na região Norte do país, particularmente no Pará, produzindo nos tempos de hoje uma reflexão que visa ao enriquecimento e ampliação do pensamento moderno nacional sobre uma produção que, decorridos estes cem anos, carece ainda de maior atenção para que, finalmente, tenhamos uma dimensão expandida e plural sobre a modernidade brasileira, para além do que o cânone nacional conhece.

Sob esta perspectiva, compreendemos que a complexa aventura da modernidade, no dizer de Berman<sup>1</sup>, e sua conseqüente ruptura estética cujas ondas se irradiaram sobre todo o mundo ocidental não pode ser meramente interpretada sob uma lógica sequencial construída como um desenho linear sedimentado, exclusivamente, sob a égide de uma historiografia oficial eurocêntrica. Ainda que essa vertiginosa onda moderna tenha irrompido na Europa, em decorrência das demandas desencadeadas pela Revolução Industrial, a partir do século XIX, alastrando-se como um tsunami por todo o mundo. Assim é indispensável observá-la em seus deslocamentos, irradiações e singularidades, em especial no Brasil continental, como um fenômeno ocorrido numa espécie de construção por saltos, recuos, avanços, abismos e intersecções, desafiadoras para os estudiosos da contemporaneidade.

No âmbito das regionalidades, ou se invertermos a ordem de olhar de um do mapa geocultural brasileiro, essas influências não tardariam a chegar à Amazônia, quando Belém, assim como Manaus, tensionadas por uma correlação histórica de forças, embora engolfadas pelo espírito fáustico (e mefistofélico!) da modernidade, não



da palavra

<sup>1</sup> BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

deixariam de responder a tais tendências de forma particular e original. Belém, é preciso que se diga, num primeiro momento das revoluções estéticas, desconhecia quase que totalmente o movimento paulistano, e buscava, ao menos a geração liderada por Bruno de Menezes, o diálogo renovador com o grupo pernambucano de Joaquim Inojosa.

Em síntese, desejamos enfatizar aqui os modernismos plurais das distintas regiões, o que aponta para, embora sem desvalorizar a movimentação paulistana, dar pistas das diversidades, bem mais interessantes no sentido de ampliar a reflexão sobre as origens e o processo de formação moderna no país, que nos permitirá, inclusive, investigar sobre como a experiência modernista se espalhou em avanços e recuos, fluxos e refluxos, em função da própria vivência artística e dinâmica cultural e social específica de cada região.

Transcorridos, portanto, estes cem anos de ressonâncias e rastros dessa grande onda tornam-se, inexoravelmente, objetos de reflexão e revisão histórica, ensejados por um conjunto diversificado de narrativas e formulações que configuram este dossiê, estruturado através de artigos, ensaios e resenhas sobre nossos modernismos. Como já foi dito, para além da Semana de 22.

Iniciando o dossiê, apresentamos o artigo *O centenário modernista: os novos e as comemorações da Independência do Brasil no Pará, 1922-1923*, Aldrin Moura de Figueiredo (UFPA), uma das maiores autoridades quando se trata do modernismo no Norte do Brasil, esclarece acerca das efemérides modernistas entre nós. Ele, a certa altura afirma algo que, de algum modo, sintetiza a movimentação nos “Novos” amazônicos: “No Pará, a história inventou o modernismo e, certamente, o modernismo criou uma certa leitura da história da nação. Se no princípio foi necessário pintar um novo passado amazônico, como na tela inaugural de Theodoro Braga, e com isso firmar uma nova interpretação da Amazônia na história do país, nos anos seguintes foi imprescindível estabelecer os contornos políticos desse movimento intelectual, no intenso cotidiano de festas e datas cívicas, revestidas de cunho literário”. É desta forma que o doutor em História da UFPA “coloca os pingos em alguns is” quando sinaliza características dos diversificados modernismos brasileiros.

Em *A Amazônia de Bruno de Menezes e Abguar: o modernismo como forma e a Amazônia como conteúdo*, Marcos Valério Lima Reis (FIBRA) trata de duas figuras centrais da modernidade da região e que souberam de modo muito particular promover um pensamento moderno que se traduziu igualmente na atitude e no acento popular, e de algum modo inclusivo, da Amazônia urbana.

Completando o panorama cultural urbano, Maira Oliveira Maia (SEDUC) investiga em seu artigo *Uma leitura política da cidade de Belém – as revistas modernistas vistas das margens* o papel que teve o circuito da comunicação impressa por meio das revistas que ativaram e fortaleceram a cultura artística e do pensamento de inovação estética da capital paraense, em sua feição modernista.

O dossiê inclui ainda um estudo sobre a importância da “Academia do Peixe Frito”, grupo intelectual, militante e formador, fundamental, nas experiências esteticamente inovadoras no Pará, por meio do artigo *Academia do Peixe Frito e outros Modernismos: narrar como artimanhas de renovação na Amazônia*, de Vânia M. Torres Costa (UFPA) e Paulo Nunes (UNAMA).

Em *Flamin-n’-Assú: A Grande Chama que Aquece a Amazônia*, Evellin Natasha Figueiredo da Conceição (SEDUC-PA) e Josebel Akel Fares (UEPa), sem negar a importância do movimento modernista de São Paulo, enfatizam o protagonismo do Norte, a partir da grande chama cultural de Flamin-n’-Assú, que, segundo as ensaístas,

é um manifesto ousado, anticolonialista, que estremeceu as bases da arte conservadora e acanhada que ainda persistia em ser feita na região amazônica, anterior ao modernismo da “Associação dos Novos”, do qual o paraense andarilho, intelectual irrequieto, Abguar Bastos é autor. O artigo das pesquisadoras, justiça se faça, “dá a César o que é de César”.

No campo das Artes Visuais e Arquitetura, temos os artigos *Modernismo Brasileiro: análise dos retratos* de Murilo Mendes de Gabriele Oliveira Teodoro (UFJF) e *Escada flutuante de Alcyr Meira* de Marcia Oliveira Nunes (UNAMA), respectivamente. O primeiro investiga a tradição pictórica do retrato sob o signo das rupturas modernistas a partir das representações da figura do poeta mineiro Murilo Mendes, retratado por diversos pintores como Ismael Nery, Guignard e Portinari, entre outros. O segundo estudo propõe uma leitura sobre o desenho da escada da residência do arquiteto Alcyr Meira, considerando suas características modernas no panorama da evolução arquitetônica urbana da capital paraense.

Em seguida temos *Eneida, uma mulher de resistência*, texto que apresenta a marca do legado da paraense Eneida de Moraes, escritora, jornalista e militante política, importante presença no circuito cultural do Rio de Janeiro, na escrita de José Guilherme de Oliveira Castro (UNAMA) e Mirna L. Araújo de Moraes (SEDUC-PA) que mostram uma Eneida como escrita de si, testemunhal e arrojadamente feminista, num tempo em que assumir tais posições era coisa rara.

Abrindo a seção de ensaios, apresentamos o estudo *Fotografia e Modernidade no espelho turvo da literatura. Brasil, Séc. XIX*, de autoria do crítico e historiador Tadeu Chiarelli (ECA/USP) no qual acompanhamos a presença da imagem fotográfica inserida na cultura cotidiana representada na narrativa de escritores importantes que marcaram a literatura brasileira da segunda metade do século XIX, como Adolfo Caminha, Aluísio Azevedo, José de Alencar e Machado de Assis. Finalizando a seção de ensaios, temos as peças gráficas na forma de cartazes *Batuque – a descida antropófaga e Vândalos*, de autoria de Mariano Klautau Filho (UNAMA) e o conto Bruno e Jaques – Almas Abertas de Marília Menezes

Finalmente, completando este dossiê apresentamos a resenha *Em 1922 não estávamos e hoje nós estamos?: notas sobre o livro-manifesto Minha Utopia Selvagem* assinada por Jairo da Silva e Silva (IFPA).

Assim, encontram-se reunidos neste dossiê, uma amostragem da diversa produção que pontua momentos históricos e atores intelectuais de parte dos modernismos com a intenção de ressaltar a importância em instaurar diferentes maneiras e formas de perceber e investigar as experiências modernistas brasileiras e considerar, a partir dessas reflexões, outras comemorações para tais fenômenos culturais e artísticos. As abordagens aqui reunidas também se fazem pelo desejo de propor e reinventar outras datas possíveis que demarquem e celebrem a pluralidade artística e cultural dos diversos Brasis, para que, enfim, possamos desenvolver ideias outras sobre a construção do pensamento modernista brasileiro, sob uma perspectiva mais expandida e generosa acerca do próprio sentido de modernidade que nos constituiu ontem, constitui hoje e constituirá sempre.

Os organizadores:

Prof. Dr. José Mariano Klautau Filho (PPGCLC/UNAMA)

Prof. Dr. Jorge Leal Eiró da Silva (PPGCLC/UNAMA)

Prof. Dr. Paulo Jorge Martins Nunes (PPGCLC/UNAMA)